



Visado pela Censura do Porto

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Ano IV — N.º 102
Preço 1\$00

Redação, Administração e Propriedária — Casa do Gaiato
PAÇO DE SOUSA

Director e Editor: — Padre Américo
7 de Fevereiro de 1948

Comp. e Imp. Tip. Nun'Alvares-R. Santa Catarina, 628-Porto
Vales do Correio para CETE

MAIS UMA PALAVRINHA ÓS LISBOETAS

Uma oferta de categoria

DEPOIS de termos revelado à população da capital a próxima abertura da casa do gaiato de Lisboa, venho anunciar que ela já se encontra aberta com dez dos nossos pequeninos obreiros, chegados das casas do Porto e de Coimbra. Estamos instalados, por ora, no que foi o palácio de Santo Antão do Tojal, mas havemos de construir segundo o nosso sistema: — casas dispersas, airoas, assiadadas, bonitas, cheias de luz. Campos. Avenidas. Hortas. Jardins. Flores; — a juventude no meio da natureza.

Não vamos buscar à rua os perdidos para fazer deles uns oprimidos. Vamos, sim, tirá-los da falsa liberdade de fazerem o que lhes apetece e substituí-la pelo poder de cada um se determinar por si mesmo na escolha do bem ou do mal, — a verdadeira liberdade. Não queremos a triste instituição do automato, mas sim a racional e alegre aldeia do autonomo. Nunca proibi um rapaz de fugir das nossas aldeias. Raramente o proibimos de regressar. E' a pedagogia do Evangelho. E' o respeito à Pessoa. E' a livre e amorosa expansão do ser humano. Jesus nunca obrigou nem obriga quem quer que seja. Convida. Deseja. Esprega, mas não vai mais longe. Muito sabe o discípulo, quando aprende nas lições do Mestre.

Temos connosco a experiência. Sabemos da prodigiosa elasticidade das almas. Acreditamos nas suas divinas possibilidades. O garoto da rua, o sujo, o escorraçado, é capaz de se erguer, de atingir, de compreender. E' capaz de se encontrar, dar fé da sua dignidade, achar a própria consciência, distinguir o bem do mal e determinar-se por uma ou outra coisa. São almas.

Nós damos-lhe a palavra. Acontece às vezes nos nossos tribunais, haver um que se levanta e pede respeitosamente para falar. Pois que fale. Que diga. E' escutado em silêncio. Os companheiros gostam de ouvir um companheiro. Eu também, e escuto. Oíço e muitas vezes aprendo. Dão-nos luz. Dão-nos luz. A alma é luz. Ninguém deve ter a pretensão de saber. De ser mestre. Há só um mestre e nós somos todos irmãos. Assim é que está certo. Nós gostamos que o nosso rapaz se manifeste, dê a sua opinião. Que refale. São os melhores. Chegou há tempos um das ruas do Porto. Não se sabe quem é. A nossa obra é dos incógnocíveis. Chegou, e não obedecia a ninguém. Se o chefe o mandava trabalhar, ele repontava e dizia-lhe na cara que fôsse ele. De manhã, ao despertar, não queria que o incomodassem e mandava o chefe embora. O chefe em nossas casas e dentro do nosso sistema é autoridade e tem autoridade. Não importa. O malcreado não sabe o que isso é. Refila. Não faz caso. Que fazer? Castigar? Castigar um inocente? Outros deveriam sê-lo primeiramente. Os pais deste e de muitos que temos, são ilegítimos, muito embora a lei pretenda que o sejam os filhos! Castigar nunca. Esperar. Dar tempo ao tempo. A' força de ver que os seus companheiros se levantam cedo e se dão ao trabalho, há-de necessariamente nascer dentro desta creança o amor ao trabalho e à ordem. Ele há-de dar fé. Há-de achar-se. Eu acredito nas potencias da alma, mais do que na força dos castigos. Claro está que nada disto se faz sem dó. Dó do rapaz. Dó nossa. Mas ele houve jamais no mundo alguma transformação interior que não tenha levado tempo e seja dolorosa?! Não é o sofrimento a maior força da alma? Porque é que Jesus Cristo escolheu morte de Cruz? Temos tudo dentro de nós e andamos nesciamente à procura de tudo fóra de nós,—por isso mesmo não encontramos.

Nós amamos o rapaz da rua com todos os seus defeitos, todos os seus vícios, todas as suas qualidades. Ele há-de aperfeiçoar-se nestas, ao tempo que se vai despindo daqueles, sim, mas é necessário criar-lhe ambiente. Assim como para o vício, também para a virtude o ambiente é responsável. Não que ele produza,—mas ajuda. Para o rapaz sem família, só dá bem o ambiente de família. E' o nosso sistema. Tal qual a flôr ao sol, também o rapaz dos caminhos desabrocha ao calor da lareira. Nós não fazemos mais nada. Nós amamos e observamos e sofremos. Eles amam-nos e isso basta. Todo o mestre que consegue fazer-se amar, faz discípulos. Ninguém como Jesus tem feito tantos. Porquê? Por ter sido o Homem que mais amou os homens.

Dito da casa de Loures, vou agora dizer qual a argamassa que nós usamos nas construções. E' a Pobreza. A Altíssima Pobreza do Evangelho. A fonte salutar e inexaurível do pão nosso de cada dia. A suficiência e remedeio de todos. A riqueza dos verdadeiros discípulos de Jesus. A Pobreza do Evangelho. Com ela, foi possível termos começado em Miranda do Corvo, passar depois a Coimbra, transitar a Paço de Sousa, estabelecermo-nos no Porto e agora em Santo Antão do Tojal. Seis construções em plena vida e rendimento espiritual. Todas elas mostram o sinal que os anjos deram aos pastores de Belém, quando lhes indicaram o sítio aonde havia nascido o Redentor: — a Pobreza.

Nós somos pobres. A nossa obra é mendicante; totalmente mendicante. Somos hoje 4 sacerdotes orientadores, todos sem oiro nem prata, à maneira dos apóstolos, e nunca nos faltou nada. Não pode faltar nada do preciso para construir, alimentar, educar, salvar. Deus é eterno! Aqui há tempos, foi-me perguntado por alguém, se eu não tencionava fundar uma nova ordem de sacerdotes, para se ocuparem da creança da rua. Nunca assim pensei. Multiplicar não. Antes regressar. C regresso aos primeiros tempos do cristianismo. Dar testemunho de Jesus. Que importa não haveremos tratado com Ele, como fizeram Pedro e os mais,—que importa isso? Felizes os que não veem e acreditam!

Havemos de conquistar os corações de Lisboa, como já fizemos nas outras cidades, a mendigar e a amar. Não queremos tropeçar no dinheiro. Não queremos morrer inundados no dinheiro, antes com ele e por ele, salvar pobremente a creança perdida.

Nós não acreditamos no deus milhão e temos infinita pena de observar que muitos e muitos que vão à missa aos domingos, acreditam nele, confiam nele, esperam nele! E' a heresia do tempo. A escravatura dos nossos dias, voluntária, dolorosa e ruinosa. Muito ao contrario, afirmamos a Pobreza, confessamos a Pobreza, gozamos interiormente a liberdade dos filhos de Deus. E ousadamente, descaradamente, levantamos nas barbas do mundo espantado a maior, a mais original, a mais divina obra que se tem visto dentro dos muros do nosso Império! Porquê? Porque não é uma his-

Vamos ter cinema na aldeia! Se já antes era aqui a terra natural da barafunda, agora é que vamos ter! Cinema. Cinema sonoro. Desenhos animados. Cidades. Costumes. Tempos. Cinema!

Nós andamos presentemente ocupados com o edificio das escolas, aonde vai ficar um salão corrido para uma capacidade de 400 cadeiras. Andamos ocupados, sim, e eu, particularmente, trazia a minha mente ocupada também, de como e a quem havia de pedir um aparelho de cinema.

Eis senão quando, estando eu nos meus trabalhos de jornalista supremo, vem recado de quem o Porto me chamava por telefone. Acudi. Era a oferta do aparelho. O Abel, estava ao pé. Escutou, passou recado, e o resto já se sabe!

O Porto chamou, sim, mas foi para dizer que Lisboa é que dá. A firma J. C. Alvarez, Lda oferece à Casa do Gaiato um aparelho Gebescope 16 mm. com tudo tudo quanto lhe diz respeito.

Agora é que vão ser castigos de fazer sangue. Quem puzer o pé fora do risco, não vai ó cinema. Ou vai ó cinema, sim, mas fica de costas para o ecran. Vem assim aquela firma concorrer eficazmente para o bem espiritual dos habitantes das nossas casas. O que mais me vai custar agora a aturar, são os senhores directores das Casas de Miranda e de Coimbra e do Tojal e do Porto. A invejasinha! Pois que se calem. De resto, o aparelho é portátil.

tória para creanças, o relato do Evangelista, acerca do Nascimento do Redentor. Não é uma história, é mas é uma lição. Quem a compreender, quem a realizar, faz milagres e o povo acredita.

Mendicantes que somos, pedimos à população de Lisboa que nos auxilie, mas que o faça alegremente, mais como quem cumpre um dever pessoal do que quem faz um favor. Que auxilie alegremente, encontrando dentro de si mesmo, ao fazê-lo a doce alegria de dar. Pois em que é que consiste a verdadeira vida, senão somente em dar-se? E que esperas tu receber, ó mundo desorientado se somente pensas em receber? Nós já pedimos em uma das igrejas da cidade, mas esperamos fazê-lo em todas elas. Havemos também de pedir nos palcos e pelas portas. A todos os habitantes da cidade, havemos de oferecer a oportunidade de concorrer para a casa do gaiato de Lisboa. Aquele a quem fizer mais falta o que dão, são esses justamente os que mais dão.

Sobretudo, insistimos hoje numa maneira muito airoa e muito pratica de cada um nos auxiliar. E' pela assinatura do nosso jornal. Do Gaiato. Começamos há pouco tempo com uma tiragem de 3.000 exemplares e hoje estamos no quinze mil. Isto diz muito, numa terra aonde se lê pouco e são muitos os quinquenais e semanais. Diz muito e acredita o jornal. Basta escrever hoje ou amanhã um postal para a Redacção do jornal em Paço de Sousa. Mas também, para simplificar, basta fazer o pedido à casa de Loures visto que é em Lisboa que eu peço e ser ali a casa do gaiato de Lisboa.

Mais do Porto uma quantidade de pares de meias altas, usadas sim, mas em magnifico estado. São de fio de lã e cores vivas. Os nossos, co-las, dão ares dos vossos! Se a roupa lhes diz tão bem, como não há-de dizer o vosso carinho! Com-queremos nós fazer castas, nesta parte do mundo quando na outra parte e em terras de castas, es- hoje um homem a destrui-las! Como? Amando. Quem se propõe dar a vida pelo seu semelhante, ama o seu semelhante. Mais de Sá da Bandeira 400\$00. Para quem não conhecer bem o seu Paí- digo que Sá da Bandeira fica além mar. Mas Portugal. Mais a desejada máquina de costur- para o Tojal. Chegou! O P.^o Adriano, não faz- senão seringar-me: *olhe que não vem*. Enganou-se. Mais de Alcobaça uma caixa de compotas finiss- mas. Quem teria sido?! E mais nada.

ELEIÇÕES

As nossas, aqui em Paço de Sousa, tiveram lugar num sábado à noite. Dias antes tínhamos dado o aviso. Chegou a hora. Os votantes sobem a uns cinquenta. Sobre a mesa, outros tantos cartões em branco, e ao pé, um cesto vazio. Faz-se a chamada. Cada um vai à mesa, escreve o nome, bota no cesto e dá lugar a outro. Depois de se verificar que todos os chamados haviam cumprido o seu dever, procede-se à leitura solene.

Sérgio. Outra vez Sérgio. Sérgio 37 vezes. O maioral cessante, alguns votos, também. O Durães, nada. A primeira palavra a sair da boca da assistência, foi pronunciada pelo Bernardino, a respeito do zero do Durães. *Que grande rolha, exclamou; 37 a 0!* Achei o termo inadequado à pessoa e à ocasião, sim, mas quando acudi, já a rolha tinha saído.

No mesmo dia e à mesma hora, foram as eleições de Miranda. Lisboa e Camilo tiveram alguns votos, mas o Zé Maria da Covilhã foi o rei. Vinte e um votos, contra sete dum e dois de outro. Maioria franca. E' o chefe.

Este rapaz, hoje na casa dos dezassete, tem sido um número muito difícil naquela comunidade. Muito lhe devemos. Muito merece. Que trabalho interior não deve ele ter suportado para chegar ao ponto de se escolhido! Não queria aceitar. Chorava. Soluçava. *O meu passado*, dizia. Simplesmente admirável! Que lição estupenda prós senhores que querem ser!

As eleições no Lar dos Pupilos dos Reformatórios, em Coimbra, foram no dia seguinte, domingo. Saimos de Paço de Sousa um nadinha depois do meio dia. Bernardino e Avelino dois dos nossos que vieram de Coimbra há quatro anos, foram visitar suas famílias. O primeiro, tem mãe. O segundo, uns tios. O da mãe, bateu à porta, ela abre e o rapaz entra. *O menino quem é?* Não o conheceu de lindol! Chamou-lhe agora *menino*. Dantes era: *oh malvado, de onde vens tu a estas horas!* O malvado era da rua. Vinha da rua. Não é que a mãe lhe não quisesse tanto então como agora, mas não tinha pão! E agora, que por algumas horas convive com o seu *menino*, de novo fica sem ele pela mesma razão! Isto é que me faz doer. Se a mim me havia de custar muito deixá-lo ficar em Coimbra, quanto mais à mãe, deixá-lo vir?! Mas ela não tem casa, não tem vida, não tem pão...

Estamos agora no Lar. São oito em ponto. O maioral bate as palmas pró jantar. Será este o seu derradeiro acto de comando? As eleições vão já dizer! Estão à mesa 36 Rapazes. Foi galinha assada. Foi arròs doce. Vinho fino também, das caixas que nos deram em Paço de Sousa, pelo Natal. Só o Porto é que dá vinho do Porto. Faz-se silêncio. O maioral distribue 36 cartões. Não se sabe quem vai ser. Começa agora a leitura. Herlander, é chamado 27 vezes. Maioral cessante, sete. Agostinho, duas. Ficou Herlander. Sem ar de discursos nem cerimónias, Herlander, familiarmente, comunica aos seus irmãos que vai tomar a cruz, sim, mas que sem o auxílio de cada um, não a pode levar. *Temos que nascer de novo*, disse. Eu estava presente, e fiquei assombrado de uma frase tão alta. Mais ainda quando ouço o novo eleito desenvolver o episódio do encontro de Jesus com Nicodemos e aplicou a doutrina: *Sím, temos que nascer para a vida do espírito*. Carpinteiros, sapateiros, alfaiates—talvez fossem hoje todos da rua, se não tivessem a Obra da Rua por mãe! Mas não estavam somente os Rapazes do Lar. Estavam também duas formosíssimas Raparigas, dignas esposas de dois dos nossos, que pelo casamento nos deixaram.

Uma delas, trazia a sua filha, de casaco de peles. O quê? Uma operária veste os filhos de peles! Ela vai dizer: Pediu a um seu cunhado peles de coelho. Mandou curtir. Juntou. Serziu. Fez o casaco. *Assim folgado, vê, para lhe servir por aí fora. O Pai quis assim.*

A presença destas duas esposas, foi uma pincelada divina neste quadro de beleza social. Só por serem esposas é que puderam assistir. Tivessem elas sido ajuntadas que não casadas, como poderiam vir? Quem é que as tolerava?

Temos de nascer de novo para a vida do espírito. Em uma casa aonde se fala e compreende assim, não tem lugar a concubina. Oxalá Portugal inteiro fôsse uma grande casa, aonde assim se falasse e compreendesse!

NOTÍCIAS DO LAR

Há sete anos que foi fundado, em Coimbra, o Lar dos ex-Pupilos. Durante todo este tempo têm passado por ele dezenas e dezenas de rapazes, cerca de 100, que encontraram nele uma situação mais ou menos desafogada na sua vida particular.

Regista-se, com bastante magoa, que nem todos têm sabido conduzir-se com aquela rectidão de carácter, que era desejo veemente do Pai Américo. Mas por aqueles que se têm sustentado firmes após a sua saída, felizmente o maior número, a Obra merece bem que continue a sua cruzada de bem-fazer.

No limiar deste ano, que sabemos vai ser fecundo com a presença jovem mas amiga do nosso Padre Manuel, mantivemos o propósito bem firme de levarmos a vida mais recta para podermos alegrar e estimular a acção dos que aqui trabalham.

Nascemos de novo no espírito. Nicodemos, um doutor-juiz da antiga lei, foi um dia ter com Jesus perguntar-lhe o que era preciso fazer para entrar no reino dos Céus.

—Nascer de novo, respondeu-lhe o Mestre com aquela bondade, aquela serenidade que o distinguia.

Nicodemos, estupefacto, exclama:

—Como? Como posso eu entrar de novo no ventre de minha mãe?!

E Jesus voltou a responder-lhe:

—Nascer de novo, sim, mas nascer nas coisas do espírito.

Por isso, nós iremos também renovar o nosso espírito, para que a conduta da nossa vida mereça cada vez mais.

E' necessário que haja mais união, mais camaradagem no nosso seio para podermos mais facilmente vencer as contrariedades e os obstáculos que nos apareçam.

H. F.

Notícias da Casa do Gaiato de Lisboa

1 Fomos a Lisboa vender o Gaiato, por duas vezes. Vendem-se poucos por enquanto. A gente às vezes não sabe o que há-de fazer, os políticos só querem que vendam das grades da igreja para dentro e o Sr. Prior só quer das grades para fora. Temos que andar para fora e para dentro. A's vezes estão também com o catraio de Vila Franca, e muitos senhores a pedir para cada coisa. Os fregueses nem sabem para onde se hão-de virar.

2 O Sr. Bispo de Lisboa mandou para aqui um padre a pregar a religião uma semana, ao povo de S. Antão do Tojal. Como na terra não há igreja, o povo junta-se numa sala da Casa. Esta gente, que esteve sem prior 37 anos, não sabem nada de religião. No segundo dia de pregação chegou um dos homens ao pé dele e disse-lhe: Prior está contente com o nosso pagode? chama pagode ao povo que se reúne.

3 O fala-barato, foi o primeiro a ter um apelido cá na casa. No dia da festa da inauguração comeu até se fartar, quando veio o arroz doce, o fala-barato já estava mais que satisfeito e não lhe apetecia mais nada.

Então pega num pedaço de jornal e embrulha-o e mete-o ao bolso, para o comer de noite na cama.

O Constantino que já se estava farto de rir, vira-se para ele e diz: tu daqui para diante ficas a ser o frigorífico.

4 Já temos um terreno escolhido, no centro da quinta, para fazermos o campo de Foot-Ball. O pior é que nos falta a bola. A Direcção é: Casa do Gaiato de Lisboa — S. Antão do Tojal.

5 No dia da inauguração, vieram cá alguns rapazes do lar de Coimbra. No dia seguinte foram dar um passeio até Belém, entraram numa pastelaria para comerem, e repararam nos azulejos, eram iguais aos daqui. Perguntaram donde eles tinham vindo ao empregado. O homem ficou um bocado atrapalhado e já não sabia o que lhe havia de dizer, nem quanto lhe havia de levar.

6 Um dia destes andava a espalhar a terra para uma cova, quando me apareceu o fala-barato com 1\$50 na mão a dizer que com aquele dinheiro já ia até murcelas, na vez de dizer Bucelas.

Relatório da Conferencia de S. Bento José Labre DA CASA DO GAIATO

Foi desejo do Conselho Superior que um Gaiato dissesse alguma coisa sobre a Conferência de S. Vicente de Paulo que funciona no Lar do Gaiato do Porto que é, como sabem, na Rua de D. João IV, 682.

Quando viu que era preciso lançar na vida, em vez de os atirar para a rua, os rapazes destas casas de Paço de Sousa e Miranda do Corvo, o Snr. Padre Américo completou a sua Obra criando o Lar do Gaiato desta cidade, em Janeiro de 1945, collocando aqui para nos orientar, um confrade vicentino. Não é, por isso de admirar que em Outubro desse mesmo ano se estabelecesse a nossa Conferência. Disseram-nos como Frederico Ozanam fundara as conferências para socorrer os pobres e para a educação moral dos rapazes. Como todos nós somos rapazes e pobres — todos gostamos muito daquela ideia e pedimos que nos dissessem como havíamos de fazer a conferência. Assim começamos.

Faltava-me dizer que não sabíamos escolher o patrono. De cada santo que nos lembrávamos diziam-nos que já havia conferência, mas como uos tivessem falado, uma vez, de S. Bento José Labre, um de nós lembrou este, pois era de vontade de todos os confrades que o patrono fosse um pobre pedinte... como nós, os Gaiatos o fomos.

Logo de entrada começamos a visitar 3 famílias. Uma delas, mãe e dois filhos, nem sequer tinha casa. Dormia na rua quando não tinha 10\$00 para dormir numa cama de uma casa de dormidas. Ora como vêm não era caso muito fácil, pois que naquela altura, como ainda hoje, era difícil arranjar casa pobre para alugar.

E como estávamos na altura dos peditórios radiofónicos para a Casa do Gaiato, aproveitamos a falar também no microfone dos nossos pobres e também desta desgraçada família. E logo fomos atendidos.

Eram cadeiras, bancos, roupas, era tudo o que para a ocasião necessitávamos. Alugamos uma casa por 80\$00 mensais, mobilamo-la com tudo que era necessário a pobres. Estava a primeira dificuldade resolvida.

Mais adiante, tivemos um pobre que era um revoltado, contra os homens e contra Deus. Estava desempregado não tinha trabalho, mas também já não o procurava. Enfim era um revoltado. Começamos a fazer a visita semanal. Levávamos-lhe a esmola e com ela alguma doutrina. Passado semanas começou a dizer que gostava de ir à missa aos domingos, etc.

Procurou trabalho e passado 3 ou 4 dias estava a ganhar 23\$00 diários. Aos domingos já não faltava à missa. Como é natural, deixámos de o visitar pois que ele não precisava da visita nem tão pouco da esmola. E ao visitá-lo pela última vez, ele por sua boca nos disse:

—Não sei como pagar tantos benefícios e a chorar ia beijar a mão do confrade visitador, que retorquiu dizendo-lhe algumas palavras que para ele como de costume, eram tão consoladoras.

E agora citarei ainda outro, que não deve ficar esquecido. Tínhamos num bairro próximo da nossa casa dois velhinhos (irmão e irmã) que estavam quasi impossibilitados de trabalhar, apenas auxiliados por nós, e por alguns caridosos vizinhos, pois não tinham ninguém de família que por eles olhasse. Em novos e enquanto tiveram forças para o trabalho, eram simples e honrados operários. O velhinho era doente do coração e tinha muitos tremores de frio. Nunca lhe faltamos 3 a 4 vezes por dia com botijas de água quente com as refeições cozinhadas pelo nosso cozinheiro de 13 anos, e também com a nossa companhia, sempre que o podíamos fazer. Para maior infelicidade a velhinha acamou e embora tratada com o maior zelo, pelo Snr. Dr. da nossa Conferência passados dias faleceu. Apesar de ser um dia de semana, nenhum gaiato faltou ao enterro pois que todos os patrões, nos facilitaram o cumprimento deste dever de vicentinos.

Como o velhinho estava já bastante doente procuramos interná-lo no Hospital de Santa Maria o que nos foi facilitado pela boa vontade da Snr.^a Superiora. Foi transportado para o dito Hospital pela ambulância dos B. V. Portuenses que nada nos receberam. Todos os dias lá fomos visitá-lo. Passados 15 dias depois da morte de S.irmã, faleceu também e fomos nós que tratamos de arranjar o caixão e fazer o funeral.

Tínhamos também um pobre que tinha um filho mulato, e sofria da tuberculose osser. Havia uma resolução mas que era também caso difícil. Interná-lo no Sanatório Marítimo do Norte, era o nosso maior empenho. Sabendo que o Director consultava na Rua Candido dos Reis os rapazes que constituem a direcção foram lá. Subimos e aparecemos a empregada.

Desejavamos falar com o Snr. Dr. Ferreira Alves, dissemos. Passados alguns minutos apareceu-nos a dita com uma moeda na mão. Retorquimos dizendo que queríamos apenas falar com ele, pelo que fomos atendidos amavelmente e com resposta agradável. Voltamos para casa muito contentes, e pouco tempo passado estávamos autorizados a internar o nosso pobre naquele Sanatório.

Continuamos a ter alugada por nós uma casa de ilha por 80\$00 mensais onde recolhemos a família que mais precisar de habitação. Nessa casa está agora uma mulher que foi abandonada pelo marido com 3 filhos. Era uma família desfeita, uns por aqui e outros por acolá. Desde que os levamos para esta casa vivem em família e todos trabalham. Quando os levamos para casa, antes puzemos lá, camas, lençois, cobertores, mezas, etc.

Muito queríamos alugar outra casa para duas pobresinhas que temos a viver num sótão muito sujo, muito escuro e todol esburacado, mas não aparecem casas para pobres. Estas duas pobresinhas passavam muito mal e um dia o confrade visitador sem ninguém contar, pediu ao Snr. Padre Américo se o autorizava a dar-lhes o cobertor da cama dele. Não digo que resposta teve porque um pedido destes já todos sabem o que respondeu o Pa. Américo.

No Natal damos consoada. Na ante-vespera do Natal damos em cada casa uma garrafa de azeite, 5 quilos de batatas, 2 quilos de bacalhau, 1 quilo de macarrão e 50\$00 em dinheiro a ver se damos conta do saldo que é em caixa, mas não há meio. Quanto mais damos mais Deus faz aqarecer. Quasi todos os nossos pobres têm colchões que a gente comprou e lhes levou a casa.

A alguns temos dado lençois e cobertores e roupas de vestir. Estamos a dar 20\$00 por semana a cada pobre, mas não há meio de acabarmos com o saldo que... agora mesmo passa de mil escudos, e nós já uma vez ouvimos uma desconpostura do nosso bom Pai Américo por termos em caixa 300 e tal escudos, mas como digo, a gente não tem culpa de que Deus dê mais ao nosso cofre do que a gente dá aos pobres.

Reunimos aos domingos às 6 da tarde na nossa, sala de jantar. Lá está o quadro de S. Vicente de Paulo, o atager, as flores os castiçais, as velas,—tudo oferecido e também lá está a caixa das esmolas.

Nas reuniões todos relatam a visita feita ao seu pobre e têm sempre que dizer. E' proibido dizer:—O MEU POBRE ESTÁ NA MESMA. Combinámos isto desde a 1.^a hora e todos temo cumprido, como se lê em todas as actas. Os nossos pobres nunca estão na mesma. Vemos lá sempre alguma coisa de novo e esforçamo-nos também por dizer alguma coisa de novo.

O secretário
ANTONIO TELES.

Isto é a Casa do Gaiato

CAIÀ a tarde. Chego de fóra e dou com o Sapo a limpar as vidraças do refeitório, muito desembaraçado e muito alegre.

—Então tu és das capoeiras ou quê?
—Estou a ajudar. Gosto de ajudar. Eu sou ajudante de todos.

Sem despegar do que estava fazendo, muito desembaraçado e muito alegre, o rapaz canta e assobia enquanto eu subo as escadas e me dirijo ao escritório. Este estava por limpar. Eu não gosto que me façam limpeza na minha ausência. Não quero. Eles limpam tudo. Não se faz ideia o que é uma casa cheia de coisas e de rapazes afeitos a pegar nas coisas. Não se faz ideia!

Assomo à porta e chamo: *já que tu gostas de ajudar, vai buscar uma vassoura e varre*. Redobrou a alegria no semblante do pequenino servo. Ele espana, sacode, muda os trastes, ri, canta. Estava ajudando outrem. A obrigação não é dele. Vai despejar o cesto dos papeis e no regresso explica: *demorei-me um bocado, sabe porquê? A procurar dinheiro nos papeis. V. às vezes deixa ir dinheiro nos papeis*. Ora eu não queria em todo o modo que isto se soubesse. Quando sucede às vezes ir qualquer nota entre os papeis e eles ma trazem, fico sem saber que desculpa lhes hei-de dar. Agora pior. Agora são muitos a saber. Não sei que desculpa hei-de dar. Mas ele não vai todo nos papeis velhos. Não vai. Tenho aproveitado muito dele. Que venham cá ver. Mas continuemos. Sapo poisa o cesto, dá o recado e ao retirar eu pergunto:

—Tu chamas-te João Maria, não é assim?

—Chamo sim senhor. Sou João Maria Vieira.

Desce as escadas, já com luz, e vai tomar conta de outros serviços: *Eu gosto de ser ajudante de todos*.

Há mui poucos Sapos aqui em casa. A maioria dos rapazes procura fazer o menos que pode nas suas obrigações e até passa-las a outrem e não fazer nada. Sim. Há mui poucos. É o panorama vulgar aqui dentro e lá fora. Quando se pensa demasiadamente em sua rial pessoa, esquecemos os outros. Não faz assim o João Maria da Murtosa. Não temos cá outro nem mais feliz nem mais alegre do que ele. Porquê? Ele mesmo o diz. *Gosto de ajudar*. Eis a vida. O Mestre fez e ensinou assim. *Eu vim para servir*. Viva o João Maria.

VIERAM pentes para o Rio Tinto, duas remessas, de quem leu e gostou de ver a sua renúncia à compra de um pente na feira da Senhora do Val, por caro. Veio um *rapa* de metal para dar o *Xancaxé*, por ele ter vindo aqui à porta do meu quarto pedir um e eu ter posto no jornal. Vieram perguntas a saber se aqueles senhores que duma vez levaram de cá o nosso Rádio para consertar, o trouxeram ou não. Trouxeram sim senhor.

Mal a gente suspira, todos suspiram. Quando choro eu aqui que os mais não chorem também?! Quando me alegro e os outros não?! Eis o selo cristianíssimo duma obra cristã.

ENTRY as muitas e variadíssimas coisas que nos vieram pelo Natal, apareceu uma tarifa de 4 caixas de artigos de Natal. Mandou-se à estação. Eram 4 caixas de papelão a dizer por fóra *Post Tosties*. Não se lhes mexeu na ocasião, por causa da barafunda das festas, mas não levou muito tempo que o não fizessemos. Abriu-se uma das caixas. Viu-se o que era. Pequenas caixas cheias de papa de farinha de milho torrada. Por fóra, vinha o reclame das suas muitas propriedades, mas não dizia como é que se usava. Tomei um dos pacotes na mão e dirigi-me à cozinha; talvez os cozinheiros soubessem por terem visto ou ouvido. Estavam o Bernardino e o Carlos. Enquanto eles cheiravam e mexiam na palma das suas mãos o estranho alimento, ia eu lendo pela décima vez o rótulo, em toda a sua extensão. Nada. Não atinei. Não atinamos. Ficamos-nos a olhar uns para os outros — *será? Não será?* Eu decidi. Mandei fazer um caldo grosso daquilo, e que o servissem os Batatas, à ceia. Assim se fez, mas ninguém o tomou. Da operação, resultou uma água insípida, pior do que um remédio da botica! Os Batatas nem sequer cheiraram.

Fiquei triste pela minha ignorância. Uma coisa tão boa, tão falada na América e tão usada pelos americanos! Não podia ser. Eu havia de decifrar. Nisto, aparecem uns visitantes do Porto. Uns

senhores de automóvel. Entraram na cozinha. Estavam ali as caixas. Eu contei o sucedido. Perguntei. Eles sabiam. Usavam em casa. *Polvilha-se o chá ou o leite ou o caldo*. Nada mais fácil. Nada mais prático. No dia seguinte era domingo. Os domingos dá-se café com leite. De véspera, dei a receita aos cozinheiros. Eles retiraram das caixas uns tantos pacotes e deixaram tudo sobre a mesa da cozinha, prontinho a servir. Chegou o domingo. Chegou a hora do café. Ouve-se um barulho como nunca. Eu desci dos meus aposentos, assustado: *que será? Não era nada*. Era a malta em peso a pedir mais! Eu levantei as mãos e expliquei. Havia mais, sim, mas para os outros domingos. *E' tudo para vós, mas os poucos*.

Deixei os ânimos socegados e dirigi-me à capela onde a missa ia começar. Novo barulho! Desta feita pior!! Havia pranto e sangue!! *Deixa cá ver que é minha*. Saí da oração; da minha pobre oração, a ver do que se tratava. Eram as caixas vazias. Os envoltórios do precioso alimento. Todos disputavam a posse de uma caixa. Tão amarelinhas! Tão lindas! *Deixa cá ver que é minha*.

A' estação da missa e enquanto explico o evangelho do dia, noto que alguns seguram na mão muito segurinha, a caixa que poderam salvar.

Muito bem. Tudo em ordem, no meio desta grande desordem. Tudo certo. Em primeiro lugar, o produto agradou e isto é justamente a mira do seu fabricante. *Mais, quero mais*. Em segundo lugar, o refúgio da capeia a salvaguardar as coisas disputadas. Que lugar mais adequado?! Não é ali sítio de respeito e de silêncio? Não era dentro das igrejas que se faziam dantes as eleições? Ora muito bem.

JÁ há muito que tinha sido dado ordens para não soltarem as galinhas, por causa das cearas, e João Maria cumpriu. Tem cumprido. Dá de

comer às ditas na capoeira, tantas vezes ao dia quantas ele come também, e o centeio cresce que é um regalo. Ninguém esgadanha. Até aqui está tudo na melhor ordem. Mas eis que surge agora uma desordem. São os bacosos.

Os cicerones, encantados eles mesmo com a ninhada dos nove mai-la porca, não deixam ir embora nenhum visitante sem abrir as portas da pocilga e deixar sair. Isto não tem mal, mas o pior é que eles, os cicerones, não se lembram de os tornar a fechar e daí o prejuízo. No passado domingo, foi uma razia nas cearas do centeio. Nove leitões a fossar!

ENTROU hoje um pardal no nosso refeitório à hora do comer. Não há nada que mais excite um ser humano, do que um passarinho ao alcance. E' inveja. Nós queríamos voar com as nossas próprias azas, mas como as não possuímos, gostamos de ver d' perto e muito mais de ter na mão, as criaturas aladas. Pois entrou um pardal sim senhor. O que se passou não se conta! A vida ainda lhe consegui salvar, sim, agora o rabo é que não. Esse não. Foi-se embora derrabado!

ESTAVA eu aqui ocupado justamente no jornal, quando entra pela porta dentro o Zé Sá: *venha ver a borôa*. Eu fui ver a borôa. Rio Tinto adoeceu. Zé Sá, seu ajudante, mete-se em brios e dá a fornada cozida. Ele e o Pastor fizeram tudo. Estava ali sobre a masseira, loira, apetitosa, bem cozida.

Este Zé Sá, como nós sabemos, esteve, no Porto empregado no comércio. Tem os defeitos maduros, as qualidades não; por isso mesmo teve de ser retirado da rua, por não saber ainda pisá-la com honra. Ele tem uns 15 anos. O amor ao trabalho é fiança. O resto virá com ele, a seu tempo.

UM dos nossos menores de S. João da Madeira, foi chamado ao tribunal da comarca, oficialmente, em virtude de um processo contra ele, vindo daquela. Não sabia que ele tinha cometido um crime. O Sérgio foi mais ele. No regresso, também eu fiz perguntas. Primeiramente, mesmo antes de perguntar, o criminoso disse-me que o Senhor Juiz lhe dera de comer; foi sopa e batatas e bolos e vinho fino. Um pequenino banquete. A seguir, conta-me da causa do processo. Foi um queijo. Ele roubou um queijo em S. João da Madeira. *Eu tinha fome*, disse-me. Não. Pode ser que assim tenha sido, mas quase nunca é. Não foi por fome. Furtou. Furtou um queijo, o dono deu fé, pôz a queixa em juízo e acabou.

Eu ignorava o pormenor. Não sabia que tínhamos cá mais este ladrão. Tenho pena que haja sido chamada a perguntas esta graciosa criança e não tenha sido perguntado a pessoa ou pessoas que o deixavam andar por lá.

Alguma coisa se aproveitou desta injustiça: o rapaz deu testemunho da nossa obra no tribunal e o Senhor Juiz teve a rara oportunidade de gozar a visita de um que foi das ruas, a beber do seu vinho fino, por um cálice fino.

OS nossos cozinheiros andam aflitos por uma galinha choca. Eles queriam mais, sim, mas para já, ao menos uma. E' que os ovos abundam actualmente; tamanhos e tão lindos! Foram buscar ontem uma à capoeira e puzeram-na no caixote da lenha, ao pé do fogão. Parecia-lhes que estava choca, pela sua vontade extrema que assim fôsse — mas não estava. Crista muito vermelha, a galinha, afeita a eles, não estranhou o sítio. Estava no que era seu. Regalou-se de comer migalhas e de cacarejar em família. O Bernardino chegou a armar um cesto com fitas de carpinteiro, e aninhar a esperançosa, mas ela não aceitou. Esperam-se melhores horas.

CRONICA da NOSSA ALDEIA

1 Aqui em casa há um grande aferruado pelo Belenenses; de maneira que o Belenenses perdeu por cinco a dois com o Estoril. Quando estávamos à mesa alguns rapazes começaram a dizer: olha os cinco a dois, Poeta. Ele todo zangado: vós sois uns gajos que nem ides ver o Benfica quando ele vem ao Porto. Eu ao menos vou, custasse o bilhete o que custasse. E por fim, depois de ver que não tirava baralho com os Benfiquistas disse: Pois olhai; eu tenho tanto amor ao Belenenses que antes queria perder 20\$00 do que os Belenenses perder.

2 Num domingo de Janeiro veio cá um grupo de Fonte Arcada que foram muito bem recebidos. O pior é que o dito grupo nem era grupo nem era nada. Os avançados não chutavam á baliza e o guarda-rêdes era um louvar a Deus. E' para verem que quando o Rio Tinto saltava á bola o Guardião dá-lhe com as mãos na cara. Marcou-se um livre de canto e o guarda-rêdes tão atrapalhado, dá semelhante cabeçada no poste que até ficou azul. E' para verem o grupo que veio ao nosso campo.

3 Temos um estimado assinante na A'frica Oriental Portuguesa que, além do Jornal que recebe todas as quinzenas, nos pediu que fizessemos uma colecção do mesmo e no fim do ano a mandássemos.

Mas como perdemos a direcção dêsse senhor pedimos o favor de apitar para cá para que possamos enviar-lha.

4 Tem estado muito frio e muita chuva, e os nossos mais pequenos que andam com os pés cheios de criadelas aninham-se pelos cantos, e o Avelino que tem muito bom coração chama-os para junto do calorifero, mas o Cête começa a fazer malandrice: manda-os pôr em forma com as mãos agarradas umas ás outras e êle, agarra uma das mãos e segura bem para êles não fugirem e põe o pé no calorifero e dá choque a êles todos, alguns vão dizer ao Pai Américo, outros vão chamar mais para caírem na esparrela. Veio o chefe

começou a bater no Cête mas eram pancadas de amor e êle tornou a fazer o mesmo na hora da doutrina.

5 O Batata Nova andava na casa 3 a fazer-se muito amigo do Senhor que lá estava doente. Sabem os leitores porque é que o Batata andava lá dentro do quarto? porque lhe cheirava a açúcar. Depois êsse Senhor veio até á sala ver um bocado do desafio, e o Batata dum salto foi á tijela do açúcar e começou a comer com as mãos. O Senhor ia para a cama e dá lá com o ratinho do açúcar.

A ceia do Batata ia animada mas o pior é que foi apanhado na esparrela.

ASSINANTES

Agora sim. Temos boa e variada colaboração. Em o numero passado viu-se a força dos cronistas; o do Tojal, o de Miranda, o de Paço de Sousa e o do Lar do Gaiato de Coimbra. Quatro. Nada menos de quatro, qual deles o mais pimpão. Espero poder calar-me dentro em breve e dar lugar à gente moça. Tenho tantas saudades do meu tempo de simples visitante de Pobres em Coimbra, quando ninguém dava fé de mim! Agora todos me apontam — *é aquê*.

E o pior é que enquanto espero o dia do meu regresso a vida que tinha, vou mas é envelhecendo, e não sei se tornarei!

Estamos nos quinze mil. Chegamos ós quinze mil. Que é preciso para subir ós trinta? Nada. Coisa muito simples. Cada assinante arranja um assinante. Eis. Há-de ser por meio do jornal que nós havemos de arranjar o pão dos nossos filhos; — a dar pão aos nossos leitores. Alimento espiritual.

Lisboa está mesmo mesmo a bater o Porto! Disse-me ontem o Alfredo, um dos administradores do periódico.

Ele é natural do Porto. Olhe que Lisboa está quasi a ganhar.